

Transpondo barreiras para estar na academia

ANA RITA TENE

ARAPARIGA enfrenta diversas barreiras sócio-culturais que dificultam o acesso, a retenção escolar e a qualidade de aprendizagem, com impacto no número de mulheres que ingressam no Ensino Superior.

A situação é ainda mais preocupante nas zonas rurais e entre famílias menos instruídas, onde se olha para o papel de mãe e esposa como mais importante, com ganhos imediatos e palpáveis, do que a educação formal.

Nos últimos anos o número de mulheres que se inscrevem e concorrem para as instituições de ensino superior tem vindo a crescer. Entretanto, apenas uma pequena porção ingressa, se comparado com os homens.

O sociólogo e docente universitário Manuel Macia explica que a fraca presença feminina é resultado do sistema patriarcal que coloca a mulher na esfera privada, onde persistem desigualdades entre ela e o homem.

“A questão que se co-



Número de mulheres na academia continua abaixo do desejado

loca é; se todos os sistemas opressores que a história registou, nomeadamente o colonialismo, escravidão, apartheid, fascismo e nazismo são totalitários, injustos e desumanos, como é que o patriarcado que também

subjuga a mulher não seria”, indagou.

Realça que estes sistemas são instituições sociais e resultado da criação humana, sendo que o patriarcado também é uma instituição, ainda que de maneira difusa,

e a mulher está presente.

Citando estatísticas da Universidade Eduardo Mondlane, Macia disse que as mulheres representam cerca de 37 por cento da população estudantil, mostrando que ainda existe um longo cami-

nho para a paridade.

“Do ponto de vista de docentes e investigadores, a UEM tinha, em 2019, 1.723 funcionários, 484 dos quais mulheres, o que correspondia a 28 por cento. A presença feminina cresce no corpo técnico e administrativo, onde há 1.041 mulheres do total de 2.711 funcionários, o equivalente a 38.4 por cento”, acrescentou.

Para Macia, a estrutura social estabelece níveis que podem ser ocupados e papéis sociais para o homem e a mulher. Acrescenta que os níveis informam ou desencadeiam expectativas e a professora universitária constitui um modelo para as raparigas que pretendem seguir a carreira de docência ou investigação científica.

“A mulher que consegue ingressar numa instituição do Ensino Superior já é vencedora, porque ultrapassou várias barreiras ao longo da sua trajetória. Há muitas mulheres e raparigas que não conseguem devido a estruturas sociais e que impedem que a rapariga realize este anseio”, afirmou.

Deixada para trás ao longo do percurso

OS casamentos prematuros, gravidezes precoces e as tarefas domésticas são alguns factores que concorrem para a redução da presença da rapariga nos subsistemas Secundário, Técnico-profissional e Ensino Superior.

A linguista Ezra Nhampoca refere que as meninas são deixadas para o papel tradicional reservado à mulher, deixando de ir à escola, havendo ainda uma presença significativa da rapariga nas classes iniciais.

“Mas à altura que as classes vão subindo, elas tendem a ficar para trás, devido aos casamentos prematuros, gravidezes precoces e para ajudar nas

tarefas domésticas”, lamentou Nhampoca.

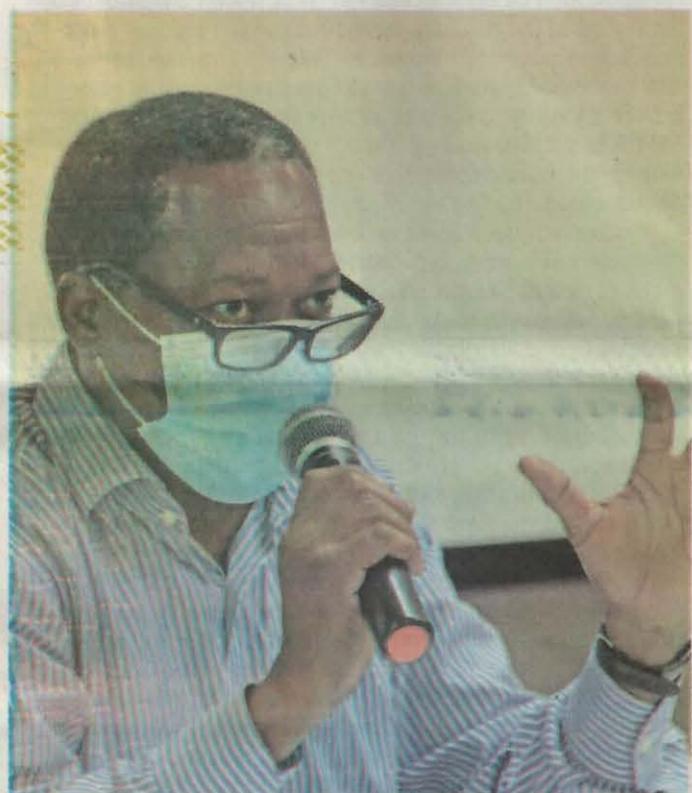
A fonte, que é directora do mestrado em Língua e Sociedade, defende uma reflexão sobre os incentivos dados à rapariga e aos rapazes para que fossem ou não à escola, realçando que mulheres e homens tiveram percursos diferentes no acesso à educação.

“Como é que nós levamos a educação através da mulher, se ela é que menos tem possibilidade de entrar na escola e universidade. Significa que não estamos a educar a pessoa que nos deve educar. Tivemos uma altura em que a prioridade da educação era para o rapaz,

mas a tendência está a mudar”, afirmou.

Falando no seminário sobre o papel da mulher na educação formal e informal no Ensino Superior, a fonte destaca que ela está presente em todos os sistemas de ensino, apesar de estar em número menor, levando consigo todo cuidado e sabedoria para as áreas de trabalho.

“A presença destas mulheres nas nossas vidas é fundamental. Muitas crianças aprendem a sua primeira língua com as mães, daí a denominação de língua materna. A educação sexual tem sempre participação das mulheres”, rematou.



“O patriarcado também subjuga a mulher” - Manuel Macia

Tem de conjugar o biológico e o social

O PAÍS regista um crescente debate sobre o papel da mulher na sociedade e seu protagonismo como sujeito da história e agente do desenvolvimento social e humano.

Entretanto, os processos de emancipação deste grupo ainda são marcados por enormes desafios e negociações nos vários contextos desde a comunidade, a família, a escola e a universidade, até no local de trabalho.

A antropóloga Esmeralda Mariano refere que apesar das experiências positivas de presença da mulher nas posições de governo e outros espaços de tomada de decisão, existem desafios com os quais o grupo

se debate.

“Sabemos que por causa do elevado índice de desistência escolar, as mulheres têm os níveis mais baixos de escolarização em relação aos homens, levando a que elas tenham pouco acesso ao emprego formal e salários condignos”, lamentou.

Do ponto de vista social, segundo a Mariano, para uma mulher se tornar professora universitária ainda é um privilégio que requer capacidade de conjugação do biológico e social, numa sociedade que ainda valoriza os papéis de progenitora e educadora dos filhos como uma categoria única.

“No país é comum que as

professoras universitárias terminem um ciclo de formação, que engravidem e tenham filhos durante o processo de formação. Esta situação é diferente da que acontece noutros contextos, em que a mulher escolhe completar os estudos e ingresso na carreira”, realçou.

Explica que a dimensão temporal é um factor importante para a vida da mulher, quer no processo de ensino, quer na publicação de artigos científicos, tendo menos espaço e tempo para produzir artigos científicos por causa das responsabilidades na família.

“A Constituição da República diz que o Estado apoia e



“É preciso reflectir sobre os incentivos dados à rapariga para ir à escola” - Ezra Nhampoca

valoriza o desenvolvimento da mulher e sua participação nas esferas políticas, económicas, sociais, entre outras. No en-

tanto, as escolhas profissionais e individuais sobrepõem-se, criando situações difíceis de gerir”, lamentou a fonte.

Há disparidades no acesso ao ensino

APESAR de as políticas públicas e instrumentos normativos assegurarem o ingresso e retenção da rapariga no Ensino Superior, o número de mulheres nas áreas da ciência e no Ensino Superior continua relativamente baixo.

Para Inês Raimundo, geógrafa e docente universitária, as disparidades de género são abismais e é triste que volvidos mais de 40 anos após a independência existam poucas mulheres no Ensino Superior.

Defende que processo educativo no país vive uma crise caracterizada por dois tipos de ensino opostos, situação que coloca todas as iniciativas de desenvolvi-

mento comprometidas, devido à falta de coesão entre os sistemas formal e informal.

A complexidade dos fenómenos como a pobreza, fome, desemprego, as mudanças climáticas e destruição de recursos naturais ilustram como a sociedade vive e as suas consequências na educação.

Acrescenta que a educação começa na família através de experiências individuais e coletivas que permitem acumular conhecimentos que nem a Matemática, Sociologia, Física, Linguística ou Geografia são capazes de proporcionar.

Para a geógrafa, a escola é um complemento do

processo educativo que começa na comunidade e na família, necessário e incontornável para a transmissão e gestão do conhecimento científico.

Refere que a educação informal e formal são indissociáveis e a família, comunidade e escolas convergem para a formação do indivíduo que terá domínio sobre todas as áreas de conhecimento científico.

“A família é responsável pelo crescimento harmonioso da criança e educa as novas gerações nos valores morais, éticos e sociais. Os pais e mães devem garantir assistência dos filhos dentro e fora do casamento”, acrescenta.